

revista **ateísta**



Uma publicação da Associação Ateísta do Planalto Central
Ano 1 - Maio de 2026 - 1ª Edição

Índice

02	Editorial: A organização política dos Ateus da APCE
08	Vale a pena discutir sobre a existência de Deus?
12	E a filosofia destronou o mito!
15	Pela saída do armário teísta
18	Ateísmo e Feminismo
22	Ateísmo na história do Brasil
24	Deus me livre e guarde desse Deus
27	Arquivo: imagens



A organização política dos Ateus da APCE

O objetivo deste texto não é discutir filosofia ou a história do ateísmo, mas sim propor reflexões sobre como organizar o movimento ateu brasileiro. Inspirado nos movimentos comunista, anarquista e social-democrata — todos de origem popular, que primeiro construíram bases sólidas e só depois atingiram a esfera estatal —, entendo que há condições específicas para que o movimento ateu possa defender seus interesses com sucesso.

Foi em busca dessas condições que conduzi o canal do YouTube da APCE, onde eu e o Wagner Menke entrevistamos pesquisadores, divulgadores e militantes para que compartilhassem seus conhecimentos, experiências e acúmulos. Como resultado dessas conversas, escrevi um documento, disponível abaixo, que destaca algumas questões fundamentais.

Como unir os Ateus?

Certamente, a construção de um movimento político para solucionar as opressões vividas em nossa sociedade atual representa um desafio para diversas minorias sociais. Seja para angariar apoio, formar quadros ou desenvolver intervenções políticas, entre outros aspectos. Em nosso renovado esforço para desenvolver uma força ateuísta na política nacional, a situação não seria diferente. Para facilitar esse processo, é fundamental ter em mente que o ateísmo deve se consolidar como um movimento popular com objetivos claramente definidos: o fim das opressões religiosas, a defesa do Estado laico e a construção de uma sociedade mais racional.

Para não cairmos em um identitarismo tosco - erro bastante comum - o ateísmo não deve se restringir a uma mera identidade negativa (a negação da existência de deuses), pois isso não fortalece vínculos de pertencimento. Em vez disso, devemos construir uma identidade propositiva: demonstrar que uma sociedade fundamentada no método científico, no humanismo e no secularismo, e que

combate o irracionalismo, é superior à atual.

Sem mencionar que, na contemporaneidade, ocorre exatamente o oposto: o fundamentalismo religioso tem sido instrumentalizado pela extrema direita para fortalecer tendências fascistas. Entendo o fascismo aqui como um movimento de massas baseado no irracionalismo, que promove uma divisão schmittiana da sociedade (“nós contra eles”) e busca criar a figura de um salvador da pátria demagógico - um soberano que, retoricamente, encarna a salvação do povo mediante um estado de exceção, alimentando e direcionando os ressentimentos populares contra minorias. Portanto, todos que defendem princípios democráticos mínimos e desejam o melhor para o país devem apoiar as pautas ateístas.

Nesse esforço, nossa principal arma de combate consiste em fundar um novo Iluminismo, um “novum sapere aude”. Em outras palavras, devemos apostar na inteligência do povo - e não em sua ignorância, preconceitos, aspectos culturais retardatários ou fraquezas intelectuais próprias da era da informação.

Para tanto, precisamos evitar que o movimento se fragmente, de maneira inútil com é em partidos de esquerda, especialmente os comunistas.

Assim, é crucial enfatizar que, embora os ateus possuam diferenças filosóficas internas e identidades diversas, compartilhamos interesses comuns. Portanto, em vez de nos dividirmos por nossas divergências, adotando uma lógica sectária, devemos nos unir em torno desses objetivos compartilhados. Vale ressaltar que existem até mesmo grupos não ateus com interesses alinhados, com os quais podemos e devemos estabelecer alianças estratégicas. Exemplos de interesses comuns: construir uma sociedade livre do fascismo e do fundamentalismo religioso, superar as opressões de cunho religioso e resolver os problemas sociais de forma racional. Para confrontar o fundamentalismo associado à crescente fascistização do Brasil, devemos elevar o nível do debate público, fundamentando nossas posições em evidências científicas nos mais diversos temas - desde saúde, educação e segurança até economia e relações internacionais.

O ponto mais crucial: precisamos promover a **NORMALIZAÇÃO** do ateísmo e a **REUNIÃO** de ateus. Trata-se de tirar os ateus do armário, dar visibilidade ao ateísmo e destacar sua contribuição para a melhoria da República Federativa do Brasil.

Pode não ser evidente à primeira vista, mas o ateísmo é popular, é do povo e cresce a cada dia. Existe uma demanda reprimida por representação ateísta na política, enquanto a esquerda tem negligenciado essa questão, insistindo em cultivar uma figura caricata de “evangélico com consciência de classe”.

Qual deve ser a organização dos ateus?

Tendo como pressuposto os pontos e os objetivos políticos que eu apontei, o movimento ateu brasileiro deve se organizar democraticamente.

Alguns modelos:

- Modelo centralizado (centralismo democrático): ocorrem congressos nacionais periódicos em que se discute e se decide de uma vez os objetivos, a doutrina e a estratégia/ tática de todas as organizações e células do movimento ateu dentro de uma mesma estrutura “partidária”. Depois do congresso, obedece-se inexoravelmente os dispositivos decididos, as doutrinas vencedoras e a estratégia discutida. Esses dispositivos são imutáveis até o próximo congresso e todas as organizações ateias obedecem rigidamente uma mesma forma organizativa. As unidades locais não tem autonomia para tomar as decisões, mas deve obedecer inexoravelmente as instâncias superiores.
- Modelo federalista/ confederativo: cria-se um pacto federativo/ carta de recomendação que unifica os movimentos ateus em torno de uma mesma estratégia/ tática, objetivos e doutrina que deve ser seguidos pelos movimentos ateus. Os dispositivos desse pacto/carta podem ser alterados a qualquer momento. Cada organização participante possui sua própria forma organizativa. Cada unidade local tem autonomia para tomar decisões e se conecta a outras unidades por meio de pactos voluntários, evitando a centralização e hierarquias rígidas. O objetivo é criar uma democracia direta, sem intermediação de representantes permanentes e tendo por base de militância assembleias locais e processos participativos. Nesse contexto, evitam-se hierarquias arbitrárias, mas reconhecem-se “autoridades legítimas” que se baseiam em conhecimento técnico ou em experiências: uma autoridade não coercitiva, mas funcional e consentida. Nesse sentido a transformação social advém dos ateus organizados em estruturas autogeridas baseadas em apoio mútuo de forma mais horizontal. Desafios desse modelo: Dificuldade prática: Como organizar assembleias com milhares de pessoas? Como evitar que pequenos grupos dominem processos decisórios? Risco de burocratização: Mesmo em estruturas horizontais, pode surgir uma “aristocracia” de líderes informais. Conflitos de legalidade: associações formais exigem cargos hierárquicos (presidente, tesoureiro) e a profissionalização da militância cria uma distinção entre diletantes e profissionais.
- Modelo de redes: Não há um núcleo doutrinário, estratégico. Cada organização realiza a sua. O que une as organizações são as alianças em torno dos interesses em comum. Esses interesses podem vir a ser uma base comum de atuação.
- Modelo de camadas: É um modelo intermediário entre as redes e a (con)federalização que busca criar núcleos doutrinários, estratégicos e de objetivos: o núcleo mais interno possui uma adesão maior, mais rígida e mais completa dos objetivos, doutrina e estratégia/tática criados, já as camadas mais externas vão possuindo gradativamente, camada à camada, uma adesão cada vez menor a esse núcleo. Dependendo do contexto, uma forma de organização pode ser mais adequada do que outras e, dependendo da união e dos interesses das organizações, uma forma mais descentralizada pode se centralizar e vice e versa se isso garantir ganhos.

Qual deve ser a estratégia do movimento dos Ateus?

Devemos estabelecer uma cultura política de respeito, de racionalidade e de afirmação; não alimentar tretas, isto é, brigar em razão de divergências ou utilizar apenas artifícios retóricos para ganhar público a qualquer custo, mas fazer nosso trabalho, no nosso ritmo; buscar a “ataraxia”, a imperturbabilidade; quando necessário brigar e ao mesmo tempo apoiar outros divulgadores ateístas. Criticar o que deve ser criticado, evitando direcionar a crítica para a pessoa, pelo contrário direcionar para as teses da pessoa (criticar condutas/ideias sem ser agressivo como o Pedro Ivo/ Ateu Informa); criar laços com divulgadores do ateísmo, alianças permanentes e bom relacionamento, sem atacar ninguém: nossa estratégia não exige ataques, mas uma posição firme e intransigente da defesa da razão, do respeito e do antifascismo; apostar na inteligência do povo, não mentir, buscar sempre embasar nossas posições; unir o povo e não segregá-lo em lado bom e lado mau: nós e eles. Jogar o irracionalismo de Schmitt e Nietzsche na lata do lixo (sobre este último, é possível utilizá-lo de forma positiva, mas com ajustes muito bem delimitados); criar palavras de ordem auto realizáveis, exemplo: o ateísmo é popular; a luta pelo ateísmo é a luta contra o irracionalismo e o fascismo; conseguir inscritos no YouTube com ajuda dos canais de ateus, convidando-os para fazer entrevistas no nosso canal.

O que o movimento ateísta tem de ter em mente?

A APCE parte da leitura de que o movimento ateu no Brasil não pode ser apenas um movimento de negação das religiões, mas deve se fundar em interesses objetivos dos ateus e da população brasileira em geral. O foco nos interesses significa que:

- os valores, ideologia, dogmas, visão de mundo das pessoas não são relevantes, desde que haja interesses em comum e respeito nas discussões;
- não importa as ideias, mas a materialidade da questão: há uma ofensiva do fundamentalismo religioso, relacionado à ascensão do fascismo e da extrema direita e isso impacta negativamente sobre a população brasileira no geral, e em particular e especialmente os ateus;
- é do nosso interesse e do interesse da população religiosa que o Brasil se torne mais laico e que fundamente sua política na racionalidade e no humanismo;
- o ateísmo deve recuperar sua tradição iluminista e racionalista e adotar uma postura antifascista. O movimento da ATEA, por exemplo, fracassou porque não foi propositivo e sua liderança (Daniel Sottomaior) deu acenos ao bolsonarismo.
- há uma clara necessidade de profissionalização dos militantes ateus: há necessidade de que os militantes possam dedicar seu tempo à causa e angariar seu sustento ao efetuar suas atividades de militância.

Como nosso adversário opera ? (adversário não no sentido ontológico, mas os grupos com interesses antagônicos e excludentes aos dos ateus)

As religiões neopentecostais, grupos católicos conservadores (renovação carismática etc.) e outras de caráter mais reacionário promovem a anticência e são o braço direito do fascismo brasileiro olaviano (Olavo de Carvalho). Seus líderes são oportunistas que se utilizam da fraqueza dos fieis para garantir poder e riqueza através de manipulação psicológica.

Esses grupos crescem porque elevam a escala da pregação, com o auxílio da mercantilização da fé e no acesso ao poder público. É basicamente a união entre capital e religião. De forma resumida, com a mercantilização da fé, isto é, transformar práticas religiosas, símbolos sagrados e crenças espirituais em produtos ou serviços comercializáveis, muitas vezes com fins lucrativos, cria-se uma lógica retroalimentativa de expansão ilimitada que concentra riqueza e poder. Vence-se não porque o povo é burro, mas porque se detém os meios materiais de propagação de opinião pública, de socialização, de construção de laços, de trabalho de base e de redes de solidariedade etc. Isso, e não a ignorância do povo, leva a doutrina fundamentalista a se enraizar na população brasileira e facilitar a proliferação de líderes religiosos dentro da alta política brasileira (a política formal, de representa-

ção nas casas legislativas e executivas e na baixa política nos concelhos participativos e diversas manifestações de rua). Objetivo deles: reduzir o sagrado a um mero produto de consumo, esvaziando seu significado espiritual.

Nesse sentido, a “teologia da prosperidade” associa fé a ganhos materiais: um oxímoro só possível dentro do capitalismo. Em última instância, torna-se numa “teologia da dominação” tal como o capital.

Como ação política contra esses grupos devemos combater o ganho de escala desses grupos: regulação para evitar a mercantilização da fé. Exemplo, fim das isenções fiscais, denúncias de práticas fraudulentas e imorais, ativismo jurídico para auxiliar fiéis que foram prejudicados por conta dessas práticas, seja em razão de venda de cura milagrosa ou afins etc.

Mas afinal, o que são Organizações de Base (trabalho de base)?

Organizações de base são grupos ou movimentos sociais formados e liderados por pessoas diretamente afetadas por um problema, sem dependência de estruturas hierárquicas tradicionais (como governos, partidos políticos ou grandes ONGs). Elas surgem “de baixo para cima”, a partir da mobilização local, e focam em transformações concretas em suas comunidades. Algumas características de um movimento de base: liderança comunitária, criada e mantida por membros da própria comunidade (ex.: mães de favelas, trabalhadores rurais, indígenas, moradores de periferia); ação direta e participativa que priorizam soluções práticas e mobilização coletiva (ex.: mutirões, protestos, ocupações, aulas públicas); independência de estruturas de poder formais e que não seguem agendas de partidos políticos ou grandes financiadores, mantendo sua própria autonomia; foco em causas locais, ou seja, atua-se em problemas específicos de um território (ex.: falta de água, violência policial, direito à moradia); horizontalidade: as decisões são tomadas coletivamente, sem hierarquias rígidas.

Exemplos de Organizações de Base no Brasil: Movimentos de Moradia (MTST– Movimento dos Trabalhadores Sem Teto); Coletivos Periféricos (ex.: grupos de cultura, educação e combate ao racismo nas favelas); Associações de Bairro (que lutam por saneamento básico ou transporte); Coletivos Agroecológicos (agricultores familiares defendendo terra e sustentabilidade); Movimentos de Mães e Familiares de Vítimas da Violência (ex.: Mães de Maio).



O que é ativismo jurídico?

Outra importante arma de nosso movimento será a defesa de nossa constituição contra os arbítrios de grupos religiosos, naquilo que é chamado por ativismo jurídico. Com ativismo jurídico, refiro-me à capacidade do judiciário em intervir na política de modo a garantir uma ampliação dos direitos e garantias fundamentais.

Tanto operadores formais do direito, quanto os cidadãos podem se valer das fontes do direito para proteger seus interesses frente a ataques vindos de setores mais reacionários. Portanto, trata-se mais uma vez de uma das formas de luta e de trabalho de base que o movimento ateu pode se valer para conter a ascensão do fundamentalismo religioso.

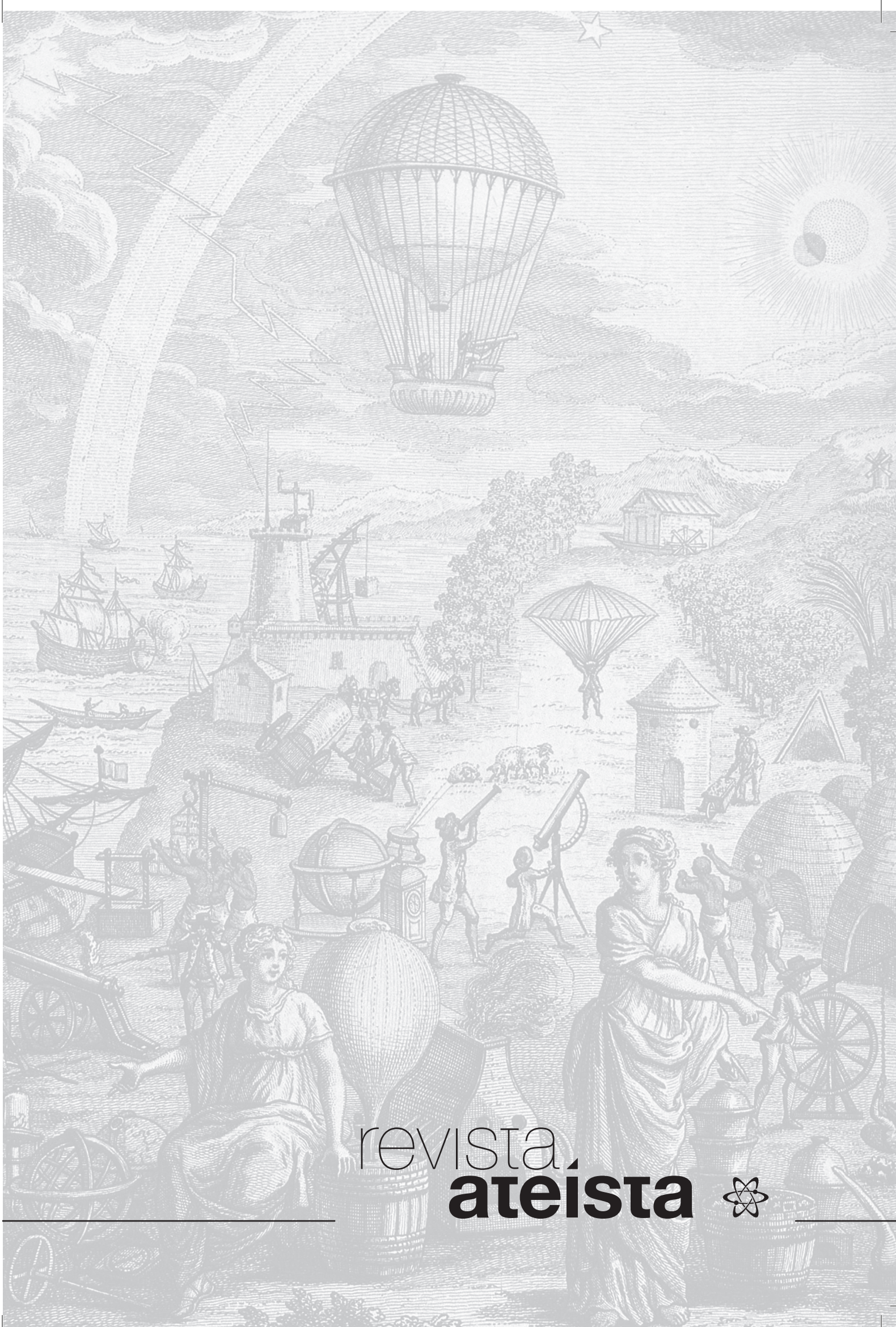
Além disso, o ativismo jurídico serve para mudar a interpretação das leis, em que Juízes e tribunais podem ser pressionados a adotar leituras mais amplas de normas constitucionais ou legais para garantir direitos (ex.: reconhecimento de uniões homoafetivas com base no princípio da dignidade humana). Permite também a supressão de lacunas legislativas, isto é, quando o Legislativo não age, o Judiciário pode criar soluções (ex.: regulamentação do aborto em casos específicos mesmo sem lei específica). Da mesma forma, o ativismo jurídico permite um controle de constitucionalidade ampliado: decisões vindas do povo que limitam ações do Executivo ou Legislativo com base em princípios constitucionais (ex.: suspensão de políticas públicas por violação de direitos fundamentais). Há outras possibilidades, como o uso de princípios gerais do Direito: recorre-se a conceitos como “dignidade humana”, “igualdade” ou “justiça social” para fundamentar decisões que vão além do texto literal da lei e o envolvimento em questões políticas e sociais.

Um cidadão comum pode fazer ativismo jurídico por meio de: litigância estratégica (usando o Judiciário para mudanças sociais; ajuizamento de ações judiciais que questionem leis ou políticas públicas (ex.: ações por direitos LGBTQIA+, meio ambiente, moradia); participação como *amicus curiae* (amigo da corte) em casos relevantes, enviando pareceres ou manifestações a tribunais; acompanhamento de processos importantes (ex.: ações no STF sobre direitos indígenas ou meio ambiente); pressão institucional; petições e campanhas (ex.: abaixo-assinados por mudanças legislativas ou contra abusos do Estado); participação em audiências públicas (no Legislativo ou Judiciário) para influenciar decisões; denúncias a órgãos internacionais (ex.: Comissão Interamericana de Direitos Humanos) em casos de violações graves; mobilização social e educação jurídica popular; criação de coletivos e ONGs que atuem na defesa de direitos (ex.: coletivos de moradia, movimentos antirracistas, a APCE); ações de conscientização: promover debates, oficinas e materiais educativos sobre direitos (ex.: direitos do consumidor, enfrentamento à violência doméstica); mídia e redes sociais: usar a comunicação para pressionar autoridades e divulgar causas (ex.: campanhas por liberdade de expressão ou contra abusos policiais); uso de ferramentas de transparência e controle social; acesso à informação: solicitar dados públicos (via Lei de Acesso à Informação) para embasar denúncias. Ações de improbidade administrativa; denunciar corrupção ou má gestão do poder público e a participação em conselhos populares (ex.: Conselhos de Saúde, Educação, Direitos Humanos) para influenciar políticas públicas etc.

Como furar bolhas e tornar a militância ateísta mais eficaz?

Outro grande problema do movimento ateísta é que suas pautas são demasiadamente abstratas, isto é, o laicismo, o humanismo e um mundo racional buscadas em si mesmas não atraem a atenção e a emoção do público. O grande desafio é assoar essas pautas o pautas do cotidiano das pessoas, pautas locais e afins. Esse deve ser o caminho da militância ateísta se ele quiser se tornar popular, pois as pessoas se concentram nos problemas que os afetam diretamente e que percebem diretamente: caso consigamos, por exemplo, a partir de um trabalho de base local, resolver problemas sociais, não importa a ideologia da pessoa, seus valores: essa pessoa irá nos apoiar. (Método de fisgar apoio do povo por meio da resolução de questões locais).

É preciso a profissionalização, isto é, permitir que o militante ateu possa ser remunerado pela sua atividade de militância e que possa se capacitar intelectualmente e na prática para efetuar sua atividade de forma mais eficiente e profissional. Para isso é preciso: uma política de finanças da APCE capaz de angariar recursos (venda de produtos, buscar patrocinadores, emendas parlamentares, tornar-se uma OCSIP, doações, cursos etc.); uma política de agitação e propaganda: tanto para divulgar nossas lutas políticas, posições, interesses e ideias, quanto para levar ao povo palavras de ordem; uma política de formação básica para nossos militantes e apoiadores: cursos sobre ateísmo, levantar bibliografia acerca de organização de trabalho de base, métodos de organização interna, divisão de tarefas etc. Todos esses são fatores fundamentais para uma organização de base de cunho ateísta.



revista
ateísta



Vale a pena discutir sobre a existência de Deus?

Lembro de uma clássica frase de sabedoria do meu pai quando eu era criança: **“Política, religião e futebol não se discutem”**. Pouco tempo depois, ele estava discutindo com os amigos vascaínos sobre como o Flamengo é o melhor time do Brasil. Mas pelo menos, ele respeitava a regra e nunca discutia religião e política, o que, pensando bem, só tornava tudo ainda pior.

Fui um cristão fervoroso por boa parte da vida. Frequentava os cultos, lia a Bíblia todos os dias, tocava bateria no grupo de louvor e participava de células. Quando chegou a idade, eu saía na rua com o grupo de jovens pra pregar para os desviados, julgar quem eu achava que iria para o inferno por ter uma forma de amor diferente da minha e atrapalhar as manhãs de domingo das pessoas, batendo no portão com tanta força que a pessoa não teria como ignorar: Ela teria que abrir nem que fosse pra me xingar e cobrar o conserto do portão.

“Não tem problema, que Deus lhe pague”.

Se, naquela época, alguém me falasse que eu um dia seria ateu, eu primeiro perguntaria o que é um ateu, já que nunca tinha ouvido aquela palavra na vida. E, depois que me explicassem, eu certamente não entenderia. Chamaria isso de satanismo, diria que isso é uma doença e que esse tipo de pessoa não conhece o amor de Deus. Deus, para mim, era tão evidente que o conceito de um “ateu” não encaixava na minha cabeça. Afinal, o que mais poderia explicar aquela sensação vívida e magnífica que eu tinha quando chorava nos cultos, se não o poder do Senhor dos Exércitos?

Conheci um ateu pela primeira vez numa escola que estudei em 2014, e o choque de realidade foi tão grande que mudou minha vida pra sempre.

“Como poderia uma pessoa não acreditar em Deus? Isso sequer é possível?”

Como ele era um adolescente insuportável (e eu também), a primeira coisa que fizemos ao descobrir isso foi discutir. Foi um debate épico, onde ele perguntava sobre a fome na África e mostrava trechos da Bíblia em que Deus mandava ursos para dilacerar crianças por chamarem um profeta de careca. Enquanto isso, eu fazia malabarismos para mostrar que isso na verdade é o plano de Deus para, no final... Sei lá o que ele queria no final, mas Deus sabia, pois Ele sabe de tudo. Depois, eu saí cantando vitória porque destruí o ateu, e fui pra internet procurar outros ateus para refutar.

Existia um nicho de páginas no Facebook onde os administradores postavam screenshots de seus próprios comentários para, no fim, inserir uma edição da própria foto com um óculos escuro pixelado em um meme de *Turn Down for What*. Os ateus que tentavam responder nos comentários acabavam também sendo printados, em um ciclo vicioso de *cyberbullying*, onde o que definia quem venceu o debate era quem printou por último e postou numa página com maior alcance (e a página dos cristãos sempre tinha maior alcance). Foi uma bela massagem no ego me juntar às discussões onde o meu lado sempre ganhava, até eu perceber que os screenshots não tinham as respostas que os ateus davam logo em seguida.

Quando tentei fazer o mesmo, recebi uma avalanche de comentários que eu não tinha capacidade de responder, vindo de pessoas que claramente entendiam melhor as minhas crenças do que eu mesmo. Foi um baque enorme. Passei dias argumentando comigo mesmo no banho, pensando em respostas para o que eles disseram. Quando finalmente pensei num argumento e escrevi, responderam poucos minutos depois e me refutaram de novo.

Fiquei muito confuso na época, pensando que minha crença tinha teto de vidro. Mas decidi parar de pensar nisso. Desisti. Aceitei que Deus não poderia ser acessado pela razão, apenas pela fé. E a fé provava a existência de Deus, afinal, eu sentia ele no meu coração.

Anos depois, enquanto estudava sobre evolução para fazer a prova de biologia, eu comecei a ficar confuso novamente. Como assim o livro diz que todos os seres vivos têm um ancestral em comum? Não, Deus criou tudo conforme suas espécies, estava escrito na Bíblia. Não é?

Enquanto a turma fazia as atividades em sala, fui questionar o professor, que se deu ao trabalho de explicar o que ninguém nunca tinha me dito. Ele me mostrou muitas gambiarras que existem na vida: genes que não codificavam nada, o nervo laríngeo que desce abaixo da aorta e sobe de novo sem motivo nenhum, o cóccix que existe para nada a não ser mostrar que nossos ancestrais tinham cauda (e causar uma dor horrível quando cai em cima dele), enfim, várias “falhas de projeto” que, se tivessem sido feitas por um ser inteligente, certamente esse ser teria muita coisa pra explicar. E depois, ele mostrou as estruturas análogas em outras espécies, explicando por que essas estruturas existem e que a única explicação para nós termos elas é que elas continuaram lá, como vestígio de que já fomos muito diferentes do que somos hoje.

Tentei responder. Não consegui.

O professor foi muito respeitoso com as minhas crenças, e disse que não queria me convencer de que estavam erradas. Mas que era papel dele me fazer entender o conteúdo, e o conteúdo era aquele. Mas, àquela altura, era tarde demais. Voltei a duvidar das minhas crenças. Eu tinha que ser honesto comigo mesmo, afinal.

Voltei a debater na internet tentando reacender a minha crença, e fiquei assim por muito tempo. Mas, quanto mais fazia isso, mais deixava de acreditar nos mitos da criação do Gênesis. Em algum momento, eu disse que eram alegorias, até chamar tantas coisas de “alegorias” que a Bíblia inteira tinha perdido o sentido.

Tentei estudar o que os filósofos cristãos diziam: Tomás de Aquino, Agostinho de Hipona, e mesmo filósofos mais recentes como Alvin Plantinga. Todos eles tinham bons argumentos (ou, pelo menos, eu achava bons na época) pra me convencer de que Deus existia, mas nenhum deles parecia ser capaz de convencer que esse Deus era o cristão, que criou o mundo em 7 dias e todos os seres vivos conforme as suas espécies.

As sensações que eu sentia nos cultos, que eu explicava com Deus, acabei sentindo coisas parecidas em shows de músicas seculares, ou quando subi em um palco na faculdade pra fazer um discurso na frente de centenas de pessoas, quando um personagem tinha uma redenção gloriosa em um filme ou mesmo quando tinha uma noite incrível jogando RPG com meus amigos. A questão era só que a Igreja me privou de tudo isso, dizendo que eram coisas do demônio, então o único lugar onde eu podia sentir sensações de satisfação era a própria Igreja.

Eu já não orava mais, não considerava a vontade de Deus nas minhas decisões, não lia a Bíblia e continuava indo para a Igreja só pra encontrar as pessoas de quem eu gostava. Na medida que eu via que Deus não era necessário para explicar algum fenômeno que, outrora, eu só explicaria com ele, eu jogava Deus cada vez mais longe dessa realidade. Eu estava dizendo que “Deus existe, mas não está em nenhuma religião”. Depois, comecei a dizer que Deus era uma energia que permeia o universo. Depois, fora, além do universo. Tinha transformado Deus em uma coisa atemporal, não-espacial, imaterial, invisível, intocável e cheia de características que só dizem o que ele não é. Ele se tornou indistinguível de nada.

Me assumir ateu não foi um salto. Não houve um dia que eu acreditava e, no outro dia, não acreditava mais. Foi um processo contínuo que, quando eu percebi, já tinha acontecido. E, sim, as discussões que tive com ateus e a possibilidade de ter ateus que me respeitavam e explicavam honestamente a forma como pensavam teve influência direta nisso. Afinal, não tive traumas pesados na religião, ou experiências que me deixaram “revoltado” contra Deus. Eu apenas fui convencido.

Se minha experiência anedótica significasse alguma coisa, seria possível cravar, sem muita margem para dúvida, que discussões sobre a existência de Deus são relevantes e podem, sim, fazer uma pessoa mudar de lado. Mas se você disser que uma amostra de tamanho 1 não faz inferência sobre uma população, eu vou concordar.

Você pode dizer que ninguém está disposto a mudar as próprias convicções, e eu vou dizer que é verdade. Você também pode dizer que as pessoas só prestam atenção naquilo que confirma o que elas já acreditam, e eu também vou te dar a razão. Mas isso não é verdade apenas para a crença em Deus, é verdade para tudo, inclusive para sua crença de que esse tipo de discussão nunca vale a pena.

A pergunta real não é se vale a pena discutir sobre a existência de Deus.

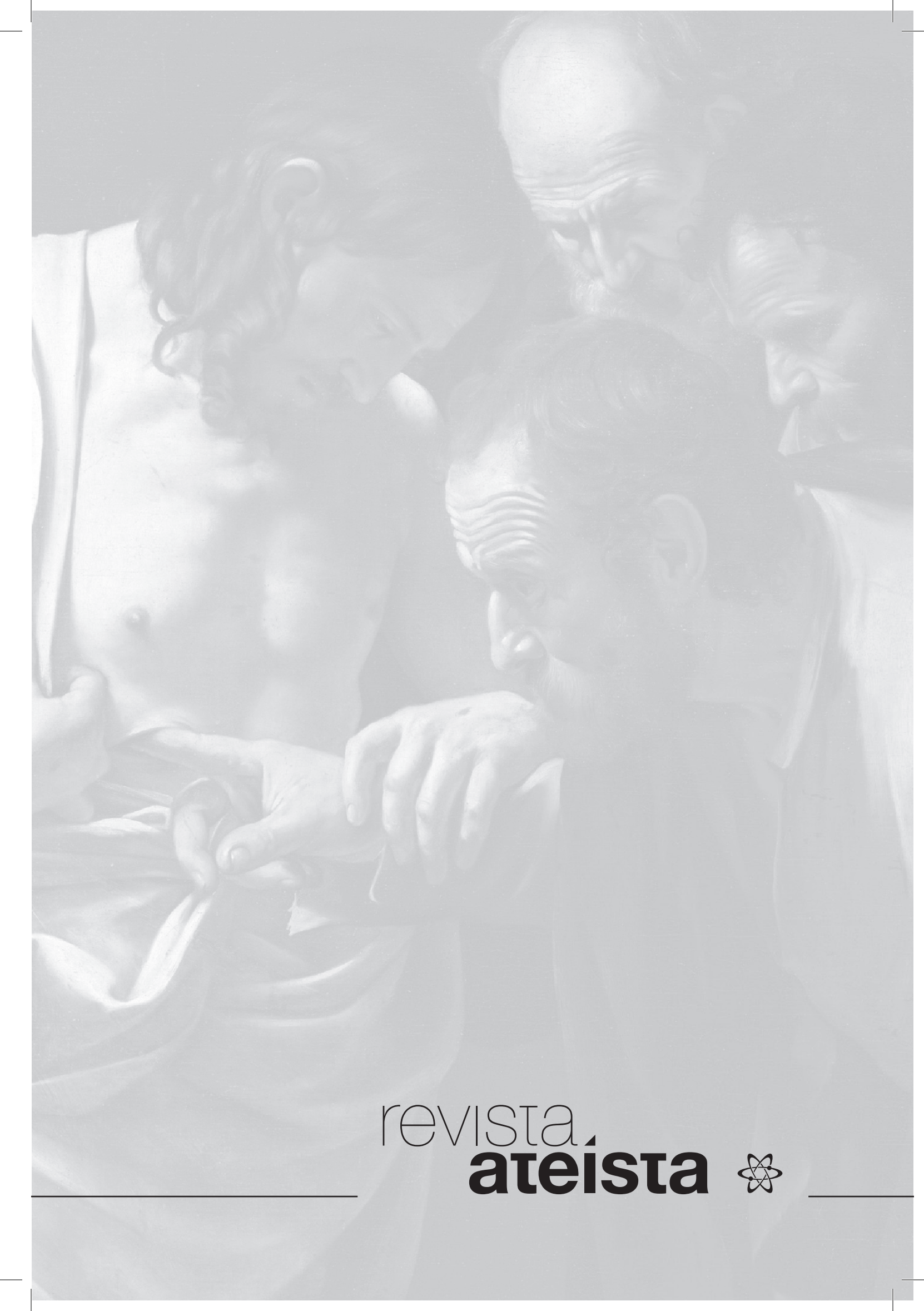
A pergunta é: Vale a pena discutir?

Pense que, se seu tio está achando que vacinas causam anencefalia, alguém convenceu ele. E, provavelmente, essa pessoa foi um YouTuber do qual ele passou horas assistindo vídeos. Mas esse mesmo tio já deve ter tomado vacina para sarampo, então pode ser uma boa ideia mostrar pra ele que o cérebro dele ainda está no lugar e que ele não está todo empolado com manchas vermelhas no corpo.

Ninguém se convence na hora. As pessoas se convencem depois, quando estão tomando banho ou andando de bicicleta num parque em uma tarde de domingo. Nenhum debate em específico me convenceu, mas todas as pessoas que passaram por mim, discutiram comigo ou mesmo tentaram explicar a forma como viram o mundo contribuíram para minha visão atual.

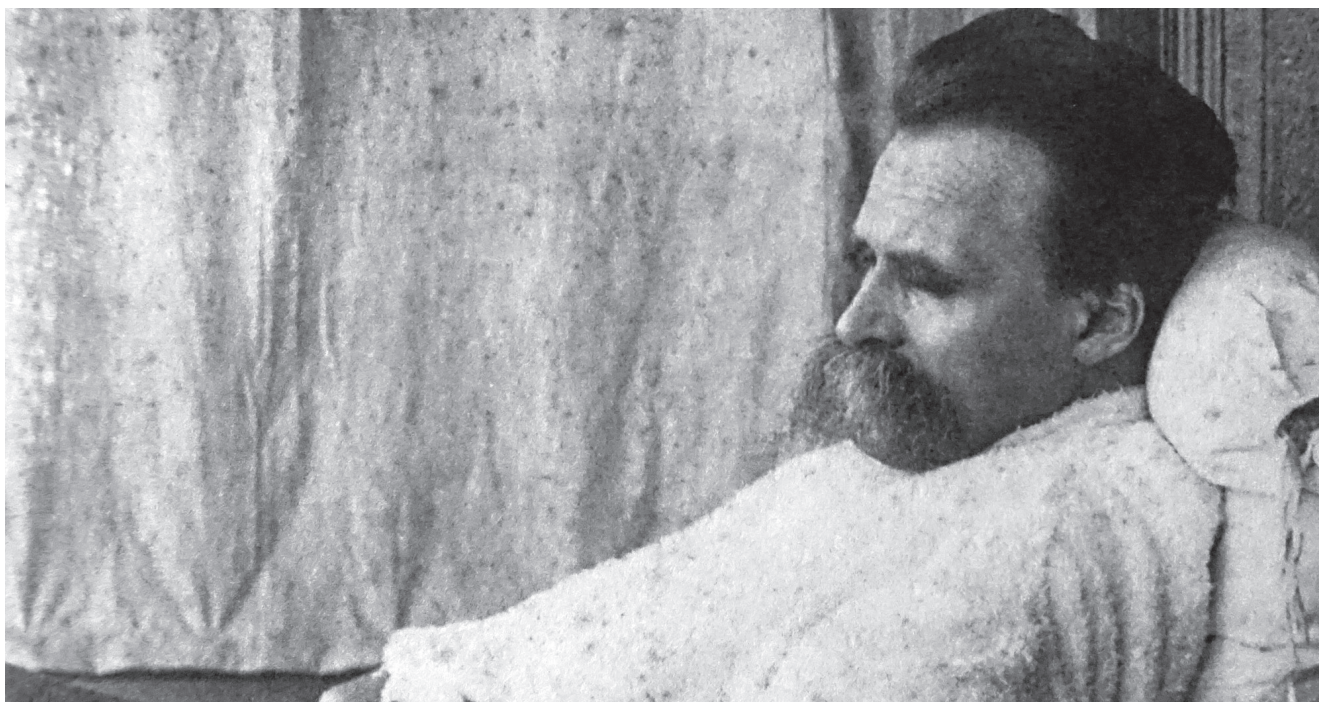
Se você não estiver disposto a encher a cabeça de uma pessoa com minhocas, te garanto que alguém vai. Torça pra que esse alguém não seja um ex-astrólogo, ex-velho e ex-fumante que se achava filósofo e fazia cursos de anti-ciência na internet até algum tempo atrás. Mas se não for ele, te asseguro que haverá dezenas de outros. E, se eu não te convenci de que debater é importante, bom, quem sabe eu tenha mais progresso da próxima vez que você estiver sozinho tomando banho e argumentando contra si mesmo...





revista.
ateísta





E a filosofia destronou o mito!

No artigo “Nietzsche e o nascimento da filosofia grega”, publicado na revista *Princípios*, edição de 2013, a Dra. Fernanda Bulhões, professora do departamento de Filosofia da UFRN, explora alguns textos do filósofo alemão, escritos quando ele era ainda um jovem professor de filologia clássica na Universidade da Basileia. Neles, o filósofo do martelo tenta reconstituir as origens da filosofia, na Grécia Antiga, apontando os caminhos que redundaram na passagem do mundo Homérico para o que ele convencionou chamar de Época Trágica. Em seu artigo, Fernanda explicita as articulações de algumas destas ideias que ainda hoje são pouco conhecidas do seu público leitor.

A primeira ideia que salta do texto é a de que Nietzsche defende que a filosofia se revelou na Grécia do século VI a.C., na sua forma mais pura e grandiosa, não tendo sido, segundo ele, acrescentado-lhe nada de muito especial desde então. Para estes filósofos arcaicos, o pensamento e a vida eram indissociáveis, ou seja, teoria e prática andavam intimamente ligadas. Os textos que embasaram esta visão foram intitulados inicialmente de Filósofos pré-platônicos e posteriormente ficaram conhecidos como as Lições, tendo recebido após a morte de Nietzsche, o título de A Filosofia na época trágica dos gregos.

Nietzsche tece considerações que permeiam a história da filosofia, relacionando-a com a arte, com a ciência e com a religião; especula sobre o valor da filosofia em relação à vida; a formação da linguagem e do pensamento lógico-conceitual; pensou ainda as suas relações com as sensações, os sentimentos e os pensamentos, e até mesmo com a imaginação ou com o ilógico, ressaltando por fim, o caráter antropomórfico do conhecimento e a necessidade de estabelecer verdades e mentiras no âmbito da vida social.

É no Nascimento da Tragédia, seu primeiro livro, que vamos encontrar a sua interpretação da linha divisória que marca a passagem da cultura homérica para a época trágica, sem, contudo, referir-se à própria filosofia que nascia em concomitância com o período em que o mito vai perdendo a sua supremacia em face de um pensamento questionador que surge através de filósofos inovadores e ousados. É neste contexto que os poetas líricos e trágicos perdem parte da sua influência sobre o comportamento do homem grego, que passa agora a questionar criticamente a tudo e a todos.

Nietzsche caracteriza a cultura homérica como sendo eminentemente apolínea, em que a vida é exaltada de maneira fantástica, e em paralelo, idêntica à vida dos próprios deuses. O homem é vital e radiante, e sua autoconfiança, plasmada na ilusão, é o efeito benéfico que Nietzsche comparou ao sono ou a uma espécie de magia terapêutica, deslocando-o da realidade e fazendo-o esquecer dos aspectos terríveis da existência. No espelho idealizado da realidade projetada por Apolo, viam apenas o prazer, a alegria e a bela aparência. Tal efeito produzia no indivíduo a sensação de ser ele mesmo, o próprio deus.

Aludindo a Schopenhauer, Nietzsche se apoia num exemplo filosófico Vedanta para ilustrar por meio do “principium individuationis”, o caráter do homem homérico, capaz de se auto iludir no tocante a sua própria força para encarar até mesmo a iminência da própria morte.

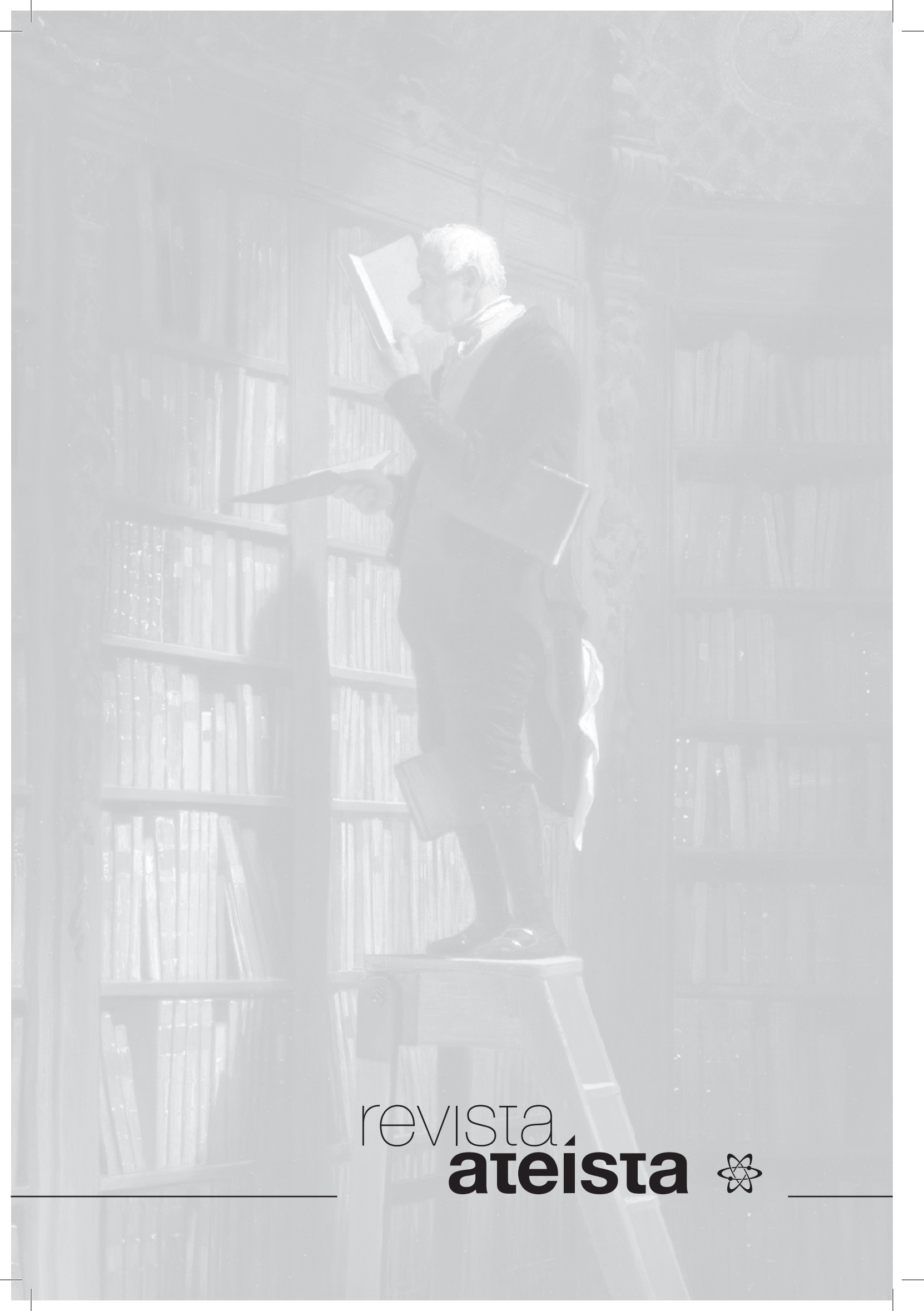
É neste tempo trágico que o reinado de Apolo foi posto em xeque por Dionísio, deus desafiador e representante do êxtase místico, que ao lado do sábio Sileno, subverte os valores éticos, antes ditados pela aristocracia guerreira e pelos preceitos délficos de medida e moderação, dando lugar ou pelo menos tendo que conviver com a condição miserável e efêmera do indivíduo, mas que o levava também a uma experiência de êxtase místico que abolia as fronteiras individuais, proporcionando a fusão, por um instante, com o Uno-primordial. Quebra-se aqui o espelho que transfigurava tudo em beleza. É, todavia, o pacto de paz entre estes dois deuses, que restabelece o equilíbrio e evita que os gregos caíam em ruína como os outros povos. É desta aliança apolínea e dionísíaca que surge a filosofia e a tragédia, e se desmorona a montanha mágica do Olimpo.

O filósofo surge exatamente nesse perigoso tempo de desilusão e de descrença. Diz Nietzsche: “cada um dos filósofos gregos expressa uma angústia e nesta lacuna insere o seu sistema. Edifica o seu mundo sobre esta lacuna.” É assim que o nascimento da filosofia surge como sendo inseparável de uma postura crítica e revolucionária que ousou contestar os valores que por séculos serviram como parâmetro ético, moral, religioso e político para a civilização helênica. Vem daí o “espírito de reforma” presente nos filósofos arcaicos, como também o sentimento de segurança que possuíam em relação às suas próprias convicções e o desprezo pelas opiniões alheias. Para Nietzsche, Tales de Mileto foi o primeiro filósofo, porque se diferenciou dos outros sábios pelo seu saber não-mítico e sistematizador dos fenômenos, bem como por seu entendimento calculado da natureza como natureza e não como máscara dos deuses. Para Tales, mesmo sem o ter dito desta forma: Tudo é Um, e esta ideia inovadora vem do seu próprio raciocinar sobre a realidade, isto é, ver a unidade na diversidade e a diversidade na unidade.

Para o filósofo alemão, a admiração é “o sentimento filosófico por excelência” e dando razão a Aristóteles, considera que as teorias filosóficas se diferem das científicas porque tratam do que é “insólito, assombroso, difícil, divino e inútil. Para Nietzsche, é o devir a primeira realidade que aparece aos olhos dos filósofos. Todos os sentidos e sensações lhes mostram a transformação constante de todas as coisas. Por isso, a filosofia nasce quando o devir suscita o Taumatzein, isto é, o espanto e a admiração.

Por ter visto o devir não apenas como um processo físico, mas também como uma questão moral, Nietzsche considera que Anaximandro foi muito além de Tales. Para ele, a visão dualista, moralista e pessimista de Anaximandro sobre o devir marcou profundamente os dois primeiros séculos da filosofia grega.

Em sua arrematação, o artigo de Fernanda Bulhões, muito de acordo com a ótica do jovem Nietzsche, aponta que para uma boa compreensão da filosofia devemos mirar no saber dos primeiros filósofos gregos que produziram uma visão própria e original, cujo contexto possibilitou a passagem do universo mítico para o mundo trágico naquela insular “república de gênios”.



revista.
ateísta 

Pela saída do armário teísta

Eu gostaria de começar contando uma história que aconteceu recentemente, e eu prometo que vai fazer sentido com o título desta matéria!

Certo dia, eu estava em um encontro de estudos com várias amigas e uma delas esqueceu um copo de água ao lado da porta da sala, e então elas brincaram que seria alguma “macumba”. Eu sei, talvez você esteja pensando que fossem comentários de intolerância religiosa, mas não era o caso, até porque algumas delas pertencem à religiões de matriz africana. Inclusive, acho que é importante ressaltar que quase todas elas pertencem a alguma religião ou possuem algum tipo de fé. Enfim, elas estavam discutindo sobre pegar ou não o copo, e tudo em tom de brincadeira, até que eu me ofereci para pegar o copo, já que sou atéia, então não seria “afetada” pelos espíritos ou divindades. Nesse momento é que a coisa ficou realmente interessante, porque uma das minhas amigas que estava mais próxima do copo riu, pegou o bendito copo e disse algo como “eu também não acredito, só não sou atéia porque ateu é tudo chato”. Tudo ainda estava em tom de brincadeira, então eu falei, entre risadas: “sim, eu mesma sou muito chata”. Nisso, elas disseram que eu não sou militante ateísta, então eu não seria chata. Bom, acontece que eu sou militante ateísta, tanto que estou escrevendo este artigo para uma revista ateísta; eu faço parte da APCE, que é uma

associação ateísta, e tenho organizado eventos voltados para ateus. E elas sabem disso, só que eu não correspondo à imagem popularizada de ateus. Quer dizer, eu não fico brava ou xingo as pessoas quando elas me dizem um simples “fica com Deus”. E a imagem do “ateu” que as pessoas têm é essa: do que xingaria alguém por um simples “fica com Deus”.

Mas a conversa não terminou e, sim, agora é que nós iremos chegar no ponto que eu quero, porque até aqui estava tudo se desdobrando em tom de brincadeira. Nós continuamos a conversa brincando sobre como eu não tenho problema com expressões de crenças religiosas, até o momento em que eu disse que evito me relacionar romanticamente com religiosos. Que eu me dou bem com pessoas que seguem religiões, mas não no campo da afetividade romântica.

Nesse momento, as risadas aos poucos foram substituídas pelo choque, à medida que elas percebiam que eu tinha falado sério e não feito uma piada.

Lembrando: quase todas as que estavam naquela sala pertencem a alguma religião ou, ao menos, a algum tipo de fé. Enquanto a piada era sobre como ateus são chatos (e de fato, alguns de nós são insuportáveis), estava tudo bem. Mas quando eu comentei que

não namoro religiosos, a coisa mudou de tom.

Quase como se estivesse tudo bem rir do fato de alguém não ter crença, mas quando elas se viram do outro lado, de quem poderia ser “excluída” de certa forma por sua crença, a ofensa emergiu.

Elas não me atacaram, nem nada do tipo. Mas tentaram me convencer de que a convivência com religiosos não era um problema. Que existem muitos religiosos que aceitam o ateísmo das pessoas e não tentam convertê-las, e buscaram alguma explicação para essa minha opção de não envolvimento, partindo de supostos traumas meus que me levaram a esse “preconceito”.

Enquanto falávamos sobre ateus serem chatos, estava tudo bem a generalização. Mas quando falei sobre religiosos serem chatos, aí a generalização não cabia mais. Volto a dizer: minhas amigas não odeiam ateus. Elas apenas não pensam muito sobre nós. É algo estrutural na sociedade, assim como várias outras formas de opressão também são. Quer dizer, dificilmente as pessoas hetero e cisgênero pensam sobre as opressões que assolam LGBTs, até elas passarem a conviver com LGBTs. A mesma coisa acontece em relação a pessoas brancas sobre pessoas de outra raça/etnia, ou pessoas sem deficiência a respeito de pessoas com deficiência.

As pessoas que possuem crenças religiosas ou místicas raramente conhecem alguém que não possui nenhuma. E com isso eu não estou dizendo que elas não convivem com ateus, mas sim que elas não os conhecem.

No movimento LGBT (do qual eu faço parte do 'T'), nós passamos décadas fazendo uma campanha que perdura até hoje sobre a importância de "sair do armário". Foram muitos anos de convencimento em meio a lutas, perseguições e várias violências que sempre desencorajaram os LGBTs a se assumirem enquanto LGBTs. E mesmo agora que nós vivemos o melhor período histórico para ser LGBT, ainda temos muitos que estão no armário. Mas, ao menos agora, as pessoas são obrigadas a conviver conosco e a conhecer vários de nós.

No movimento ateu, nunca houve uma campanha pela "saída do armário". Na verdade, o movimento ateu sempre tendeu a ser muito individualizado, possuindo personalidades que falavam abertamente sobre não terem crença, mas que não viravam um senso de comunidade, como aconteceu no movimento LGBT.

Quando se é LGBT, a vida no armário é quase impossível. Não tem como esconder totalmente. Cada vez que se vai a um encontro, nós corremos risco da exposição, e cada vez que vivenciamos o nosso gênero, nós estamos sob o holofote da exposição. Mas, quando se é ateu, por mais insuportável que seja ter que fingir ser uma pessoa crente, é algo mais possível.

Muitos ateus passam sua vida performando alguma fé. E não me levem a mal, eu não estou julgando, até porque eu sei bem o quanto se pode perder ao se assumir ateu. Muitos perdem emprego, perdem laços familiares, não conseguem formar vínculos amorosos, e se morarem em cidades pequenas, a coisa pode ser ainda mais agressiva. Então, eu entendo quem fica no armário. Mas o problema é que, quanto mais nós continuarmos no armário, menos as pessoas vão conhecer ateus e continuarão tendo apenas a visão que a igreja (seja ela qual igreja for) cria de nós, tornando mais difícil o fim das opressões que sofremos, geralmente calados.

Nós precisamos criar um senso de comunidade. Nosso objetivo pela laicidade do Estado e combate ao preconceito religioso precisa ser um ponto de encontro forte o suficiente para que essa comunidade se forme.

Nós precisamos nos organizar. Caso contrário, as pessoas continuarão não nos percebendo e não sairão da estrutura social que, pautada pela religião, manterá a ateofobia viva na nossa sociedade. E sim, eu disse "ateofobia", porque esse é o tipo de opressão que a nossa população sofre, e quando uma população sofre uma opressão, se faz necessário que essa população se una, se mostre e se faça conhecer para que a imagem pré-definida sobre essa população caia por terra.

Enquanto nós, ateus, continuarmos dentro do armário teísta, nós continuaremos deixando que eles criem a caricatura que quiserem sobre nós e, conseqüentemente, nós continuaremos sendo os ateus chatos, os ateus sem caráter, os ateus sem senso de bem ou mal, os ateus tristes, pois só uma divindade pode conferir felicidade e moralidade, e por aí vai.

Nós precisamos que a sociedade nos conheça e nos normalize, e isso começa com uma saída do armário.

Portanto, ateus do mundo, uni-vos e quebrem as portas dos armários que ainda os prendem.

— nota da autora: por mais que, neste texto, eu tenha sim a intenção de lhes provocar para que se exponham, entendam que isso deve ser feito dentro dos seus limites e da sua realidade pessoal, pois só você sabe quais tipos de violência você está sujeito e disposto a encarar ao sair do armário, então vá no seu tempo! E sim, é exatamente este mesmo conselho que eu dou para as LGBTs... no fim, nós temos mais interseções do que vocês imaginam.



revista.
ateísta





Ateísmo e Feminismo

Em um mundo ainda dominado por estruturas patriarcais, as mulheres ainda enfrentam desafios e obstáculos que limitam sua liberdade e igualdade em relação aos homens. Desde tempos imemoriais, a sociedade tem sido moldada por normas e expectativas que perpetuam a desigualdade de gênero, relegando as mulheres a papéis subordinados, restringindo oportunidades.

É notório que as mulheres têm sido agentes de grandes mudanças lutando por seus direitos e sempre desafiando as normas estabelecidas. Entretanto, apesar de tantas lutas é decepcionante não poder afirmar que as mulheres, em pleno século 21, conquistaram a tão sonhada igualdade de direitos, pois ainda lutamos contra a objetificação dos nossos corpos, contra a criminalização do aborto, a violência de gênero e pelo direito de poder assumir publicamente a “não crença” religiosa como um caminho alternativo para uma nova visão de mundo.

Infelizmente nem todos os direitos são abraçados pelos movimentos feministas no Brasil. É compreensível dado o nosso contexto religioso em que a maioria do povo brasileiro vem de raízes cristãs. Porém, nenhuma mulher será completamente livre se não tiver assegurados todos os direitos, e nenhum movimento pode ser considerado justo se ignora pautas relacionadas à “não crença”. Nenhum direito a menos, lembram?

No entanto, esse mesmo contexto vem anunciando uma onda de conflitos na sociedade devido à invasão de espaços públicos por cristãos evangélicos que adentram as escolas com a clara intenção de doutrinar crianças e adolescentes, transgredindo, conscientemente, os princípios da laicidade do Estado. Não é mais um projeto de poder disfarçado de fé, é a própria teologia da dominação em ação, intimidando, silenciando e corrompendo pessoas no que tange de mais íntimo e pessoal que é a sua crença ou a não crença religiosa.

No Brasil não existe ambiente para mulheres ateias, o debate com a sociedade é inexistente e falar de ateísmo feminista soa quase como um xingamento. A pesquisadora e filósofa canadense Christine Overall, em *Feminismo e Ateísmo* (Um Mundo sem Deus. Ensaios sobre o Ateísmo; Michael Martin 2010), salienta sobre a dificuldade em encontrar fontes. Afirma que “Há muitos materiais publicados sobre feminismo e religião, sobre feminismo e teologia, sobre mulheres e religião, e até sobre feminismo e Deus. Mas sobre o feminismo e o ateísmo há relativamente muitíssimo pouco, na verdade”. É fato que as fontes sobre esse tema, em sua maioria, são em línguas estrangeiras, quase nada é traduzido para o português e a produção acadêmica ainda engatinha em nosso país.

Esse é apenas um dos obstáculos que encontramos ao falar de ateísmo. Essa escassez de conteúdo, além de empobrecer o debate, torna-o repetitivo e pouco atrativo às mulheres. Mesmo aquelas que se afirmam ateias não veem no ateísmo uma opção para reinterpretar o papel da mulher na sociedade. Não sendo uma opção, por que assumir o ateísmo se as religiões têm respostas para todas as dúvidas e problemas e podem ser encaixadas em qualquer situação?

Assim, sem perceber, nos anulamos enquanto mulheres e seguimos sem refletir, colaborando para que o patriarcalismo perpetue-se de geração em geração sob a proteção do Estado e o amparo das igrejas.

Como enfrentar uma sociedade ainda regida pelos ensinamentos bíblicos em pleno século 21? Uma sociedade ainda organizada nos **molde patriarcal** que defende uma suposta moral cristã como se não fosse também ultrapassada, sobretudo em relação às mulheres.

Christine Overall fala ainda da relação entre o ateísmo e o feminismo e levanta as questões “se é preciso ser ateia para ser feminista, e se o feminismo é ou não compatível com o teísmo, ou se ser feminista exige que se seja ateia”. E para nós mulheres feministas e brasileiras, de todas as vertentes religiosas e não religiosas, o feminismo é compatível com o teísmo? Quando mulheres religiosas defendem o feminismo sem levar em conta tudo o que está escrito no livro Bíblia, envolvendo todos os tipos de violências contra as mulheres e meninas, estão fazendo uma defesa consciente e justa?

Para responder essa pergunta, vamos ter que entrar numa seara carregada de **complexidades e contradições**, mas também de **significações, que atraem as mulheres**, mas fazendo sempre muitas perguntas.

Até que ponto a religião e a fé religiosa influenciam a vida da mulher, contribuindo por tanto tempo para a sua sujeição em relação aos costumes, mesmo aquelas que se descobrem ateias? O nosso esforço é tentar entender por que a Igreja ainda exerce tanto poder sobre as mulheres, incluindo as ateias.

Overall apresenta sua versão feminista do argumento do mal: “religiões monoteístas prejudicam as mulheres”. Vejamos alguns pontos principais de sua argumentação:

1. Através da religião, obtém-se controle sobre as mulheres limitando sua autonomia e liberdade.
2. Promove a desigualdade de gênero ao atribuir papéis e responsabilidades diferentes para homens e mulheres.
3. Exclusão de cargos de liderança, inclusive dentro das próprias igrejas, e a limitação de seus direitos políticos.
4. A violência doméstica e abusos como a violência sexual são justificados atribuindo à mulher toda a culpa.
5. A religião é também usada para controlar o próprio corpo da mulher, decidindo sobre o comportamento sexual, o aborto e o divórcio.
6. A homossexualidade é condenada.

A pesquisadora levanta a urgência da desconstrução autoritária da religião e acrescenta que a crítica feminista à religião visa o empoderamento das mulheres, permitindo que elas tomem o controle de suas próprias vidas, fazendo suas próprias escolhas. Para que haja justiça de fato a crítica à religião deve ser ampliada, fomentada e debatida e eu acrescento, até a exaustão.

A Bíblia prega que homens e mulheres têm, cada qual, seu lugar no mundo determinado por Deus. Os homens abaixo de Deus, mas superiores às mulheres, e as mulheres, semelhantes aos animais, foram criadas para a reprodução e servidão.

Faz sentido acreditar no deus monoteísta onipotente, onipresente, onisciente e sumamente bom, se ele já tem tudo programado para acontecer, mas criou o livre-arbítrio e pune as pessoas por considerar seus atos em desacordo com o seu estatuto divino?

Christine Overall discute ainda a ideia de que teólogos e filósofos progressistas estão trabalhando para reconstruir o conceito de Deus e reinventar a religião monoteísta de forma mais inclusiva e feminista, e cita a teóloga Catherine Keller e professora judia Rachel Adler (Adler, 1998) que classificam o conceito patriarcal de Deus como um erro, tanto quanto a sua linguagem “exclusivamente masculina”.

Muitas feministas progressistas, inclusive no Brasil, são adeptas dessas ideias e sugerem que as religiões sejam reinventadas e as escrituras sejam reinterpretadas. E para que as religiões sejam inclusivas e justas com todas e todos, nessa reforma “divina” não haveria de faltar a possibilidade de substituir o Deus monoteísta por um Deus intersexo ou mesmo por uma deusa. Mas ao aceitar essa reforma todas as mulheres terão alcançado a igualdade de direitos? Os opressores deixarão de ser opressores? A tão sonhada liberdade, enfim, se fará presente na vida das mulheres? Nós mulheres ateias seremos ouvidas, nos encaixaremos?

A ideia de reconstruir o conceito de Deus e reinventar a religião monoteísta é um esforço complexo e multifacetado que visa criar uma religião mais inclusiva e feminista. Porém, uma análise rápida nos mostra que uma reforma divina, talvez, não seja tão eficiente para mudar o status quo da mulher em nenhuma sociedade, uma vez que não está ocorrendo uma mudança de fato, mas uma substituição do sujeito das ações, da sua linguagem e do seu estatuto.

Há muitos desafios. A reconstrução do conceito do Deus monoteísta e a reinvenção da religião não exclui a resistência de grupos conservadores e a necessidade de equilibrar a tradição com a inovação. A substituição de um Deus patriarcal por um deus intersexo ou por uma deusa não significa que serão deuses desprovidos de poder, compreensivos e amáveis como nos apresentam. Apesar de, aparentemente, demonstrar mudança, o resultado na prática permanecerá o mesmo.

Por fim, a criação de uma nova religião poderá parecer, de início, uma ideia estupenda, mas a ideia de uma nova religião sugere mais igrejas ocupando espaços públicos onerando ainda mais o Estado, criando mais periferias. Novas igrejas são totalmente dispensáveis, e segundo o IBGE (2022), elas ultrapassam o número de escolas e hospitais juntos. Outros fatores influenciam para a não criação de novas igrejas, pois além de conflitos com religiosos de outros segmentos, a inflexibilidade do dogmatismo pode limitar a capacidade das pessoas de questionar ou criticar as crenças e práticas.

A igreja e o patriarcado negaram à mulher todos os direitos, a princípio, concedidos aos homens, veja acima os pontos principais. Claro, alguns desses direitos foram tomados através de muita luta e muito sofrimento, não permitimos retrocessos. Repensar a *reconstrução* religiosa da não subtração é não nos permitir incorrer no mesmo erro, mas buscar soluções que incidam na soma, no diálogo e na compreensão entre as pessoas de diferentes crenças e da não crença. O combate à intolerância religiosa só será possível com educação e conscientização, resultado que obteremos a longo prazo, oferecendo oportunidade para promover justiça social e a igualdade de gênero através da reinterpretação das escrituras valorizando o papel da mulher, sua experiência e sabedoria, conforme exalta Christine Overall.

Brasília, DF, 24/07/25



revista
ateísta



Ateísmo na história do Brasil

O quadro “A Primeira Missa no Brasil”, do pintor Victor Meirelles, foi elaborado em meados do século XIX. Ainda que a obra não se destaque pela fidedignidade em relação aos fatos que marcaram a realização da primeira missa no país em 26 de abril de 1500, na costa da Bahia, pelo integrante da esquadra de Pedro Álvares Cabral, frei Henrique de Coimbra, ela se tornou no Brasil um dos pilares referenciais na construção de uma forte identidade religiosa: a visão de sermos uma “nação cristã, pela graça de Deus”.

A religiosidade é um traço marcante do perfil da sociedade brasileira, com o predomínio hegemônico do cristianismo. De acordo com os dados do Censo do IBGE de 2022, 56,7% da população se identifica como católica e 26,9% se identifica como evangélica. A influência da religiosidade é tão intensa que ela extrapola o âmbito da fé individual e se faz presente na ação social de diversos grupos e em projetos de políticas públicas.

Neste cenário, a ideia do ateísmo como uma possibilidade do nosso modo de ser é muitas vezes visto como uma quimera ou uma impossibilidade, além de gerar temores e receios sobre os “perigos” de uma pessoa que não acredita em Deus, fruto de um longo passado que associou descrença religiosa com o mal. Paira uma invisibilidade social que se estende nas incontáveis obras históricas produzidas sobre o país.

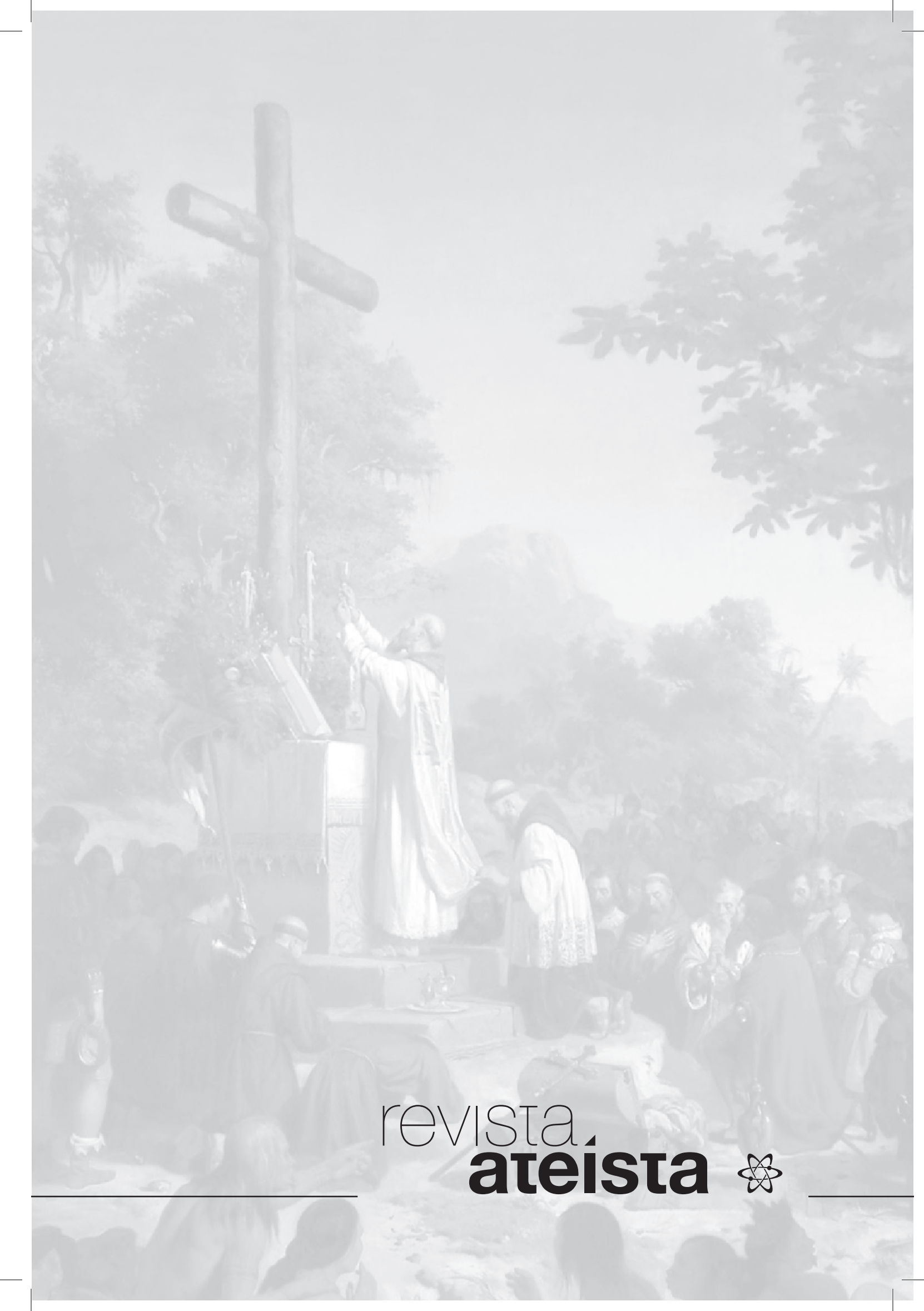
Em 2020 publiquei o livro *O Ateísmo no Brasil*. Foi o meu primeiro trabalho de fôlego, após criar a disciplina História do Ateísmo no Curso de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, com o propósito de mapear o fenômeno do ateísmo na história do Brasil. Apesar do início do século XXI ser rico em fontes, particularmente digitais, a dificuldade aumenta quando o olhar se desloca para períodos mais remotos de nossa história.

A ausência de fontes não significa que o passado brasileiro não tenha sido marcado pela presença de pessoas ateias. Contudo, de forma intencional ou não, poucos registros foram produzidos. E razões para uma postura de cautela e discricção não faltaram. No período colonial, ideias divergentes da ortodoxia católica podiam ser punidas pela lei. A Inquisição portuguesa foi um exemplo temido de instituição que poderia condenar os “infiéis”.

No entanto, na conjuntura das revoltas anticoloniais do final do século XVIII, aparecem pessoas com ideias e comportamentos que desafiam os preceitos da religião oficial. E, quando avançamos o olhar para a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, é possível encontrar no ideário positivista e anarquista fontes que buscavam fundamentar uma posição ateia.

Uma característica presente naquela época, bem como na atual, é a dimensão política do ateísmo no Brasil. Ou seja, não apenas uma descrença na existência de Deus ou qualquer outro tipo de divindade, mas a percepção de que ser uma pessoa ateia implica um engajamento na busca de resolução do que é identificado como óbices para o progresso do país, como a influência de grupos religiosos conservadores no espaço público.

A população brasileira que hoje se autoidentifica como ateia é diversa em suas cosmovisões e posicionamentos políticos, não isenta de conflitos internos. Ainda assim, existe um esforço de parcela dessa população em romper com uma situação de marginalização e invisibilidade social e sustentar o ateísmo como uma possibilidade de existir. Me parece que, sem descuidar do rigor da pesquisa acadêmica, essa pode ser uma tarefa dos estudos históricos sobre ateísmo no Brasil.



revista.
ateísta



Deus me livre e guarde desse Deus

A religião me condenou a uma vida de medo e paranoia. Mais de trinta anos depois, ainda tento me livrar de suas amarras.

Eu sei o peso dessas palavras, e reconheço que, para alguns, elas possam parecer um tanto exageradas. Afinal, eu não tive o mesmo azar de tantos que tiveram a infelicidade de nascer em lares fundamentalistas, de serem expulsos de casa e renegados pela família ao se descobrirem (homossexuais, transexuais, ateus ou mesmo comunistas). Nesse sentido, minha vida foi realmente fácil, admito. Mas todos os anos de terapia ainda não conseguiram me libertar totalmente das sombras que a religião enraizou no meu interior — que desonra e que vergonha ter me deixado afetar por semelhante embuste!

Parte do problema é que Deus, para mim, nunca foi um conforto, mas sim uma ameaça. Desde a infância, era a ameaça do tormento do inferno — muito mais do que a promessa do reino dos céus — que permeava os meus pensamentos. Eu não tenho a erudição de um teólogo, de um cientista da religião, e talvez seja uma vítima da minha própria ignorância. Dito isso, eu me lembro bem do tipo de amor e misericórdia divina que me eram ensinadas nas aulas de catequese que, a contragosto, fui obrigado a frequentar. Um amor tão leve e desinteressado que impunha o dever da adoração e que, por derradeiro, segundo me ensinaram, lançaria ao mar de fogo infernal todos os filhos que se desviassem do caminho. É claro, nada teríamos a temer, desde que vivêssemos em um constante e vão Ato de Contrição. Vão, pois, humanos imperfeitos que somos, estamos sempre a pecar, se não em atos, em pensamentos e sentimentos. Contar com a misericórdia de um Deus assim sempre me pareceu pouco reconfortante. Afinal, se somos todos pecadores por definição, se somos todos indignos de que o Senhor entre em nossas moradas, como poderia a ideia do Deus cristão suscitar algo que não temor e terror? Haja dissonância cognitiva. Não que eu esteja imune, obviamente. Eu percebo a ironia e a falta de coerência que é viver assombrado por ameaças de uma crença da qual eu sequer compartilho. Prossigo.

Não faz sentido, aqui, ficar me aprofundando em todos os problemas dessa fantasia de mau gosto. Certamente, você que me lê saberá encontrar eruditos muito mais gabaritados do que eu para falar das incongruências da mitologia judaico-cristã, para explicar o paradoxo de Epicuro e pormenorizar todas as máculas históricas que marcaram a história da religião — talvez você mesmo seja um desses eruditos. De todo modo, todos esses aspectos — ou o pouco que conheço deles — serviram como forma de racionalizar meu desprezo prévio. Para aumentar o ultraje, lembro o argumento usado quando tentei me recusar a participar da farsa: “a sociedade cobra”. Fui criado por um pai agnóstico que um dia há de se reconhecer como ateu, e por uma mãe que sequer observava o dogma da igreja e não tinha vergonha de se entreter com misticismos como astrologia e numerologia. Mesmo apontando a flagrante hipocrisia das duas figuras que só compareciam à igreja em dia de casamento alheio, fui obrigado a passar anos frequentando a igreja e assimilando o quanto tudo era pecado porque “a sociedade cobra”. Qualquer que fosse essa cobrança, gostaria de poder pedir um reembolso por todas as noites em que tive pesadelos, o terror de descobrir minha sexualidade, as crises de choro por sentir que eu estava condenado justamente por não conseguir ter fé em Deus. Meu consolo é ver que minha irmã, 21 anos mais nova, não vai passar pelo mesmo martírio: acolheram seus protestos e respeitaram sua recusa de performar uma cristandade fajuta para agradar as línguas afiadas da população provinciana.

Por vezes, pondero que a mente humana parece ter uma vocação intrínseca para flagelar a si mesma, e uma das manifestações dessa vocação, em mim, parece ser a minha tendência de me aterrorizar com as possibilidades de punição iminente. Mesmo nunca tendo tido fé propriamente dita, e ainda que sempre tenha sido desconfiado das crenças religiosas, ainda pulsa em mim a angustiante dúvida.



E se... E se eu estiver realmente errado? E se eu estiver me condenando ao lago de fogo e enxofre? É claro que viver em uma sociedade capitalista em tempos de pós-verdade consome minha sanidade o suficiente para que questões existenciais do pós-vida não ocupem mais do que alguns minutos diários, mas a inquietação está lá, a todo momento. Como os pensamentos intrusivos do Transtorno Obsessivo-Compulsivo que me acometeu na adolescência, ainda me questiono se, um dia, conseguirei me livrar da paranoia do tormento eterno que, frequentemente, ainda volta para me atazanar.

Não que tudo isso me impeça de viver uma vida minimamente funcional, é verdade. Não preciso de uma ameaça divina para guiar a minha moralidade e, racionalmente, superei tudo isso. Ao mesmo tempo, a realidade escancara que o ser humano não é puramente racional, e a paranoia está sempre lá, pronta para me devorar.

Na hipótese remota de que o Cristianismo esteja certo, se um único pecado pode me condenar ao inferno, cabe a mim decidir descer como mais um ímpio ou como uma lenda herege. Sendo assim, talvez seja melhor eu me esforçar mais para espalhar rumores blasfemos, denunciar que deus tem um senso de humor doentio e cometer alguns pecados bem cabeludos (fornicação e idolatria já são lugares comuns, melhor inovar e fazer performances luxuriosas de Like a Prayer, da Madonna, em karaokês). E, claro, apoiar organizações ateístas.

Dito isso, camaradas, perdoem minha covardia se eu secretamente pedir perdão a um ser totalitário imaginário por ter escrito esse texto. Não que eu acredite nele, mas prevenir é melhor que remediar, e eu tenho baixíssima tolerância ao calor.



revista
ateísta



Arquivo: imagens

Capa e subcapa 1: Men and women with telescopes, gyroscopes, a balloon, battle ships, and other forms of technology; representing the benefits of philosophy and science. Engraving by E. Voysard after C.L. Desrais. Claude Louis Desrais

Guarda-capas: A Burial at Ornans. Gustave Courbet 1849 - 1850

Subcapa 2: A Incredulidade de São Tomé. Caravaggio 1601-1602

Subcapa 3: The Bookworm. Carl Spitzweg 1850

Subcapa 4: Witches' Sabbath. Francisco de Goya 1797-1798

Subcapa 5: Auto-retrato. Judith Leyster c.1630

Subcapa 6: Primeira Missa no Brasil. Vítor Meireles 1860

Subcapa 7: "Astronomie". Denis Diderot; Jean-Baptiste Lerond d'Alembert. Encyclopédie... Vol. 4, Pl. 2. Acervo da Biblioteca Maria Beatriz Nascimento, do Arquivo Nacional. OR 1896 Bib.

Imagem 1: "Mães de jovens mortos protestam contra violência policial". Rio de Janeiro - Mães e familiares de jovens negros mortos por policiais protestam contra a violência com ativistas da Anistia Internacional em frente à Igreja da Candelária (Fernando Frazão/Agência Brasil) 2017

Imagem 2: 55 years old. Part of a series of 16 pictures. One of the last pictures. of Nietzsche. Naumberg 1899

Imagem 3: Head of Medusa. Peter Paul Rubens 1617-1618

Imagem 4: In a Roman Osteria. Carl Bloch 1866